

Memes e contracultura: a reconfiguração de narrativas hegemônicas na semiosfera¹

Memes and counterculture: the reconfiguration of hegemonic narratives on the semiosphere

Tássia Aguiar de SOUZA²

Resumo

Estudo sobre a produção e circulação de memes no âmbito da contracultura, enquanto produto de reconfiguração material e imaterial da memória da mídia. A pesquisa tem por objetivo situar os memes na semiosfera da cultura e analisar seu uso enquanto objeto de resistência política no Brasil, a partir da retomada de discursos historicamente hegemônicos, e sua relação com gêneros narrativos utilizados n'O Pasquim. Para tal, tomamos como referencial teórico o conceito de semiosfera, de Lótman, e a proposta de uma história não-linear desenvolvida por W. Benjamin. A metodologia parte de um levantamento de memes sobre a atual crise política no Brasil feita pelo jornal *El País* em sua plataforma *online*. Concluímos com esse trabalho que a produção de memes nasce materialmente de gêneros como a charge e resulta na propagação polissêmica dos discursos hegemônicos em circulação.

Palavras-chave: Contracultura. Discurso. Meme. Memória. Semiosfera.

Abstract

This paper stands about production and circulation of memes in scope of counterculture as a product of material and immaterial reconfiguration of the memory of media. The research aims to situate the memes on the semiosphere of culture and to analyze its use as object of political resistance in Brazil, starting from the resumption of historically hegemonic discourses, and its relation with narrative genres used in *O Pasquim*. For this, we take as theoretical reference the concept of semiosphere, of Lótman, and the proposal of a nonlinear history developed by W. Benjamin. The methodology starts from a collection of memes about the current political crisis in Brazil made by *El País* in its online platform. We conclude with this work that the production of memes arises materially from genres such as the charge and results in the polysemic propagation of circulating hegemonic discourses.

Keywords: Counterculture. Discourses. Meme. Memory. Semiosphere.

¹ A informação sobre apresentação do trabalho em evento científico foi omitida para uma avaliação cega dos pares.

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: tassiaaguiar@gmail.com

Introdução

Esse artigo é resultado da pesquisa que trata da investigação sobre a ressignificação de discursos historicamente dominantes nas comunicações de massa por meio dos memes, assim como o movimento contrário de “contaminação da mídia hegemônica” e das possíveis configurações de narrativas humorísticas apropriadas pelos memes em um resgate histórico a partir d’O Pasquim.

Para fundamentar a investigação, partimos do conceito de semiosfera, de Yuri Lótman, para situar os memes selecionados como produto de resistência frente à atual crise política no Brasil e demonstrar de que forma as fronteiras entre mídia hegemônica e contracultura se fundem discursivamente nesse processo que chamaremos de imaterial. Em seguida, ainda amparados pela fronteira semiótica de Lótman e à luz do conceito de “ruínas” de Walter Benjamin, analisamos a forma material das configurações resgatadas nessa relação entre memes e O Pasquim a partir de imagens e gêneros narrativos.

A metodologia empregada para este fim teve como largada a fotorreportagem feita pelo jornal El País, em sua página *online*³, intitulada “Os memes da crise política no Brasil”. A seleção de memes feita pelo jornal serviu de base para uma análise discursiva contra-hegemônica e para o exercício de memória na verificação dos elementos materiais que apresentam vestígios do modelo empregado pel’O Pasquim no passado.

Com este trabalho esperamos contribuir para os estudos das novas formas de comunicação empreendidas pelo crescente avanço tecnológico que comporta, sobretudo, a participação de usuários na produção e circulação de conteúdo.

Contracultura

Os memes não possuem origem certa, partem de internautas anônimos (ou não) e ganham notoriedade a partir de seu compartilhamento irrefreado. Pesquisas recentes

³ Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/18/fotorrelato/1495134560_993166.html?rel=mas

sobre o assunto atribuem a origem do termo ao biólogo Richard Dawkins (1976), que, comparando a propagação de ideias à propagação de características genéticas, classificou ambos como “replicadores”, ou seja, capazes de multiplicar e propagar “informações” de acordo com sua capacidade de adaptação ao ambiente.

Exemplos de memes são melodias, idéias, "slogans", modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no "fundo" de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. Se um cientista ouve ou lê uma idéia boa ele a transmite a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e conferências. Se a idéia pegar, pode-se dizer que ela se propaga, si própria, espalhando-se de cérebro a cérebro. (DAWKINS, 1976, p. 122)

As possibilidades de criação e propagação cultural no ciberespaço são imensuradas. A circulação de memes vem ultrapassando as barreiras do ambiente digital e ocupando o cotidiano dos brasileiros, que tomam os bordões para o seu repertório pessoal; pautam a mídia tradicional; e afetam diretamente a agenda política do país, como verifica-se nas tentativas do governo federal em controlar manifestações digitais e o uso de fotografias oficiais na produção de memes em perfis de humor na internet⁴.

Por se tratar de uma criação contemporânea e dada a relevante influência dos memes no cotidiano dos brasileiros, sobretudo em meio à crise política que atravessa o país, nos propomos a demonstrar que espaço eles ocupam na semiosfera cultural e como se configuram a partir de elementos históricos, dada a proposição de que a construção da cultura é um exercício de memória constante como veremos adiante.

A partir da reflexão proposta por Santaella e Ribeiro (2017) em “A arqueologia benjaminiana para iluminar o presente midiático”, de que o presente é construído de fragmentos históricos que podem ser retomados a qualquer tempo, refizemos o caminho conceitual do filósofo Walter Benjamin para localizar a produção dos memes no arcabouço cultural e sua relação com a memória midiática. Ao longo de suas obras, Benjamin nega uma história única e dominante e propõe que a linha do tempo seria

⁴ Assunto detalhado no capítulo seguinte.

constituída de rupturas e descontinuidades. Ele afirma que, sob o manto da hegemonia de um dado elemento cultural, habitam escombros de fragmentos históricos igualmente legítimos.

Certamente, os adivinhos que interrogavam o tempo para saber o que ele ocultava em seu seio não o experimentavam nem como vazio nem como homogêneo. Quem tem em mente esse fato, poderá talvez ter ideia de como o tempo passado é vivido na rememoração: nem como vazio, nem como homogêneo. (BENJAMIN, 1986, p. 232)

Para Benjamin, a história é constituída em um tempo saturado de “agoras” que nos remete a todo instante a partes intercaladas de um todo. Nesse sentido, observamos em nosso *corpus* um movimento de rememoração tanto no âmbito discursivo quanto estético, mas ressignificado de acordo com o tempo presente para atender a demandas atuais.

O resgate imaterial observado se dá na ordem do discurso: na produção dos memes selecionados sobre a crise política brasileira, os usuários apropriam-se de um enunciado oficial / hegemônico proveniente da mídia de massa ou de pronunciamentos oficiais de representantes políticos e reconfiguram-nos a partir de um posicionamento de contestação ao que ali se impõe. Trata-se de corromper um discurso posto, que não ficou no passado, mas que tem suas raízes plantadas longinquamente no tempo ao longo da história da luta de classes.

Figura 1 - Meme da fotorreportagem de *El País*



Fonte: El País, 2017

No exemplo acima, o meme faz referência ao evento realizado pelo Palácio do Planalto, na ocasião em que o presidente Michel Temer completou um ano de governo. O evento intitulado “um ano de conquistas” contou com a participação de ministros, que apresentaram um balanço de suas respectivas pastas. A cobertura da mídia tradicional encarregou-se do discurso oficial da presidência enquanto, na internet, os usuários reagiram a esse discurso com memes que contestam o otimismo do governo e avaliaram o período como desastroso, como interpretamos a partir da imagem.

A prevalência de um discurso hegemônico tomado como representante oficial de determinado recorte histórico é preocupação não apenas dos produtores de memes, mas de pesquisadores no campo da história, da filosofia e da comunicação, sintetizado no pensamento benjaminiano de que

[...] o dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer (BENJAMIN, 1986, p. 224).

Tomando a produção de memes e sua imensurável capacidade de alcance no ciberespaço como uma reconfiguração dos discursos impostos (vencedores) na sociedade, podemos pensá-lo como um instrumento de resistência frente ao cenário

político de crise no Brasil. Mundo afora, temos exemplos concretos de mudanças conquistadas no âmbito político e social mobilizadas a partir do ambiente digital. Sobre esse fenômeno, Castells destaca a autonomia da comunicação nesse novo espaço público, o espaço em rede localizado entre o ambiente digital e urbano, como questão fundamental para a viabilidade de manifestações sociais transformadoras. Segundo ele, a autonomia da comunicação possibilitada pelos novos canais digitais é a essência dos movimentos sociais, uma vez que permitem a formação, movimento e sua articulação com a sociedade em geral para além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação (2013, p.16).

Mas, além das vantagens oferecidas pelo ambiente digital em que os memes circulam, eles contam com um recurso especial que, historicamente, acompanhou projetos bem-sucedidos de contra-hegemonia na história da mídia brasileira: o uso do humor. Na década de 70, O Pasquim, sob a mordada da censura realizava um trabalho semelhante de oposição e contestação a partir do escracho cômico a figuras detentoras do poder durante o regime militar e, apesar da proposta inicial de ser um semanário humorístico de tiragem modesta, manteve-se em circulação por 22 anos e tornou-se um grande fenômeno na história da mídia alternativa no país.

O riso, a piada, o humor têm uma função catártica, uma elaboração interna de medos e desejos, que realiza uma purgação de sentimentos, preconceitos e impulsos. O humor também exprime o escárnio, o desprezo, a visão reduzida do outro, caminhando no sentido de uma não elaboração, mas um reforço de sentimentos de diminuição e repulsa ao que lhe é estranho ou diferente e como forma de se demarcar espaços simbólicos de domínio (SILVA, 2013, p. 14)

A força do humor nos atos de contestação política é tamanha que, de tempos em tempos, personalidades políticas tentam impedir sua manifestação no Brasil. Entre os episódios mais recentes, tivemos a promulgação de uma lei eleitoral, durante as eleições presidenciais de 2010, que proibia humoristas de usarem os candidatos como alvo de piadas. Porém, a lei foi suspensa pelo STF em agosto do mesmo ano a pedido da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert). Já em 2015, foi o deputado Marco Feliciano que ajuizou uma ação contra o site de humor Sensacionalista,

solicitando a proibição de piadas envolvendo seu nome, mas o pedido também foi indeferido pela 7ª Vara Cível de Brasília.

Em 2016, logo após o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, o perfil do presidente Michel Temer no *facebook* foi alvo de uma manifestação que ficou conhecida como “vomitação”, em que os usuários utilizavam o *emoji* de vômito para comentar cada publicação do perfil sobre a agenda e as medidas administrativas tomadas pelo novo ocupante do cargo. Na ocasião, o colunista do jornal O Globo, Lauro Jardim, noticiou que a equipe do presidente entrou em contato com a administração da referida rede social para tentar bloquear o uso do *emoji* em suas páginas oficiais, porém, a repercussão da notícia só fez com que os usuários intensificassem o uso desse artifício.

Figura 2 - Emoji do vomitação



Fonte: El País, 2017

No ano seguinte, o Governo Federal protagonizou mais um episódio de tentativa de controle sobre a produção dos internautas: a equipe de comunicação do Planalto entrou em contato com o proprietário do site humorístico Carpinejar para proibir a produção de memes com fotos oficiais do presidente. Novamente, a medida intensificou a produção dos memes e a notícia chegou às mídias tradicionais de forma pejorativa.

Figura 3 - Captura de tela do site do El País em 27 de maio de 2017. Imagem editada com transparência.



Fonte: El País, 2017

A repercussão da produção de memes por meio da mídia tradicional vem se tornando cada vez mais comum e pode ser compreendida a partir da reflexão de Lótmann nos estudos da semiótica da cultura.

Periferia discursiva

Nascido no seio social, em terminais anônimos do ciberespaço, os memes são usados em grande parte em situações de contestação e/ou oposição a forças dominantes historicamente configuradas. Nesse sentido, recorreremos à semiótica da cultura para conceituar esse espaço de resistência cultural. Lótmann propõe a configuração de um espaço que contempla toda forma de cultura, em que todos os sistemas sóicos estão em constante processo de criação e dialética em um *continuum* semiótico. A esse universo ele denominou semiosfera.

A semiosfera constitui-se de um núcleo e de periferias que se estabelecem de acordo com o objeto em análise. A cultura situada no núcleo desse sistema representa aquela de maior influência e controle sobre as demais manifestações, enquanto que a cultura periférica desenvolve-se às margens do sistema, mas sempre em contato com o centro hegemônico, como veremos em seguida.

Nos apropriamos desse conceito para uma análise da reconfiguração dos discursos históricos – não exatamente fixados no passado, mas perpetuados

hegemonicamente na mídia – a partir dos memes. Propõe-se então, a localização dos memes na periferia da semiosfera, onde ele se apropria de notícias e conceitos sedimentados nos discursos tradicionais da mídia e de instituições políticas transformando-nos em escárnio, expondo as vozes dominantes ao contraditório e ao ridículo, como no exemplo da Figura 4.

Sobre as duas estruturas fundantes da semiosfera, Lótmán denota sua irregularidade interna como a própria lei de organização, definindo que núcleo e periferia se movimentam no espaço semiosférico, gerando “áreas de tensão” (RAMOS at al, 2007, p. 35). Temos então que, assim como os produtores de memes reconfiguram os discursos hegemônicos, a mídia tradicional também é pautada pela agenda desses usuários, sobretudo em tempos de crise política em que a opinião popular, por princípio, merece destaque. Nesse contexto, as fronteiras entre núcleo e periferia contaminam-se mutuamente permitindo a expansão da cultura a partir de um diálogo constante. “Na realidade da semiosfera, [...] se viola a hierarquia das linguagens e dos textos: estes se chocam como linguagens e textos que se encontram em um mesmo nível” (LÓTMAN, 1996, p. 30) Em constante processo de diálogo, núcleo e periferia se apropriam de elementos externos ao seu domínio e reorganizam suas estruturas discursivas originando novas manifestações culturais.

A função da fronteira [...] se reduz a limitar a penetração do externo no interno, a filtrá-lo e elaborá-lo adaptativamente. [...] todos os mecanismos de tradução que estão a serviço dos contatos externos pertencem à estrutura da fronteira da semiosfera. [...] O espaço semiótico se caracteriza pela presença de estruturas nucleares (com mais frequência várias) com uma organização manifesta e de um mundo semiótico mais amorfo que tem na periferia, na qual estão submergidas as estruturas nucleares (LÓTMAN, 1996, p. 26).

Figura 4 - Meme da fotorreportagem de *El País*



Fonte: El País, 2017

Retornando aos escritos de Benjamin, podemos analisar a relação entre a cultura periférica de Lóttman e a história, enquanto memória produzida a partir do conceito de *ruína*, que o autor alemão utilizou para demonstrar a relevância do drama barroco alemão comparado à tragédia clássica. Nesse contexto, as ruínas são uma representação metafórica das manifestações culturais do presente que retomam fragmentos do passado e se renovam em diferentes recortes do tempo com outras formas e conteúdos.

É nesse escopo que propomos, para além do discurso, a existência de elementos materiais de reconfiguração histórica na produção dos memes. Observando os memes em sua forma material, evidencia-se a predominância do layout formado por fotografias e textos em “colagem” que nos remete, a partir de um exercício de memória, às charges, que também se apropriam de um fato da atualidade e o expõem em escala ampliada de sua peculiaridade a partir do recurso estético cômico.

No Brasil, esse gênero noticioso foi muito usado no Pasquim como forma de resistência ao regime militar e aos padrões sociais impostos à época. Em nova plataforma e com novas formas de produção, os memes ora analisados utilizam também o recurso de imagem e/ou texto para propagar ideias de oposição/contestação por meio do escárnio atacando as mesmas forças hegemônicas, porém, não sepultam o modelo

anterior: ambos sobrevivem no presente graças à descontinuidade histórica, ao caráter não-linear do tempo proposto por Benjamin.

A mesma noção de permanência de referências da cultura nas novas configurações é defendida por Lótman (1998, p. 53):

Os aspectos semióticos da cultura se desenvolvem melhor segundo as leis que lembram as *leis da memória*, sendo que aquele que passou não é aniquilado, nem passa a inexistir, mas sim sofrendo uma seleção e uma complexa codificação, passa a ser conservada, para em certas condições, manifestar-se novamente (grifo do autor).

Seguindo esses traços deixados pelas construções anteriores, percebemos durante esse estudo que o processo de ressignificação que nos trouxe aos memes passou, ainda, pelas fotonovelas impressas em folhetins entre as décadas de 50 e 70 no Brasil – o que reforça a ideia do *continuum* semiótico proposto por Lótman.

Assim como os memes, as fotonovelas também utilizavam fotografias de um contexto eventual ressignificadas a partir de edição de texto com colagens em primeiro plano no intuito de construir narrativas diversas do momento capturado pela câmera.

Figura 5 - Fotonovela de O Pasquim, Ano VI, Nº 281



Fonte: Pasquim, 1974

Uma configuração ainda mais próxima dos memes foi observada em exemplares d'O Pasquim de 1974, em que apenas uma imagem era editada com textos curtos e objetivos sintetizando uma ideia de contestação com apelo cômico.

Figura 6 - Capa de O Pasquim, Ano VIII, Nº 387



Fonte: Pasquim, 1976

Considerações finais

Assim como qualquer manifestação cultural, toda a produção dos memes está relacionada a ruínas que podem ser resgatadas em um exercício de memória. Situações da vida real que ganharam destaque em algum lugar no passado, retornam ao protagonismo dia após dia por meio dos memes; discursos hegemônicos construídos historicamente são apreendidos para ganhar novos significados e até mesmo o *design* não rompeu totalmente a fronteira com o passado. Tomando emprestadas, mais uma vez, as palavras de Benjamin,

[...] não há, portanto, nenhuma formação de linguagem, obra literária ou filosófica, que não seja trespassada pela história, em particular, pela história de sua transmissão; como tampouco pode existir uma história humana verdadeira que não seja objeto de reelaboração e transformação pela linguagem (BENJAMIN, apud SANTAELLA; RIBEIRO 2017, p. 63)

Embora as vozes oficiais tentem silenciar algumas vozes dia após dia na famigerada crise, uma parcela significativa dos produtores de memes em circulação trazem à superfície uma nova versão dos fatos, não uma versão construída, mas uma reconfigurada a partir de um novo ângulo, o da contra-hegemonia, da resistência que, graças ao alcance das novas tecnologias em comunicação, ganham eco nos espaços hegemônicos da mídia tradicional e permitem a propagação de um discurso polissêmico.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 254 p.
- BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984. 277 p.
- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 553 p.
- EL PAÍS. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/18/fotorrelato/1495134560_993166.html?rel=mas> Acessado em: 18 maio 2017.
- LEWGOY, José. O Exorcista. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, Ano VI, nº 281 19-25 nov 1974, p. 8.
- CAPA. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, Ano VIII, nº 387. 26 nov - 3 dez 1976, p.1.
- LÓTMAN, I. M. **La semiosfera I**: semiótica de la cultura y del texto. Tradução de Desiderio Navarro. Valência: Frónesis Cátedra, 1996.
- RAMOS, Adriana Vaz. et al. Semiosfera: exploração conceitual nos estudos semióticos da cultura. In: MACHADO, Irene (Org.) **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume Fapesp, 2007, p. 27-45.
- SANTAELLA, Lúcia; RIBEIRO, Daniel Melo. A arqueologia benjaminiana para iluminar o presente midiático. In: MUSSE, C.F; NICOLAU, M; VARGAS, H.(Org.) **Comunicação, Mídias e Temporalidades**. Salvador: Edufba, 2017. p. 59-78.
- SILVA, Rogério Pereira da. **CQC**: informação e entretenimento no humor midiático. 2013. 124 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

VELHO, Ana Paula M. **A semiótica da cultura**: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. Rev. Estudos da Comunicação, v. 10, n. 23, set/dez 2009. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/comunicacao?dd99=issue&dd0=242>>, acessado em: 27 mar 2017.